

MERONÍMIA EM TEXTOS PROCEDURAIS DA LÍNGUA APURINÃ

Marília Fernanda Pereira de Freitas¹
Marlene Cavalcante Ribeiro²

RESUMO

A presente pesquisa analisa a ocorrência de merônimos em textos procedurais da língua Apurinã. Parte-se do pressuposto de que este tipo textual favorece a ocorrência de merônimos, já que o tipo procedural pressupõe a existência de um evento principal (holônimo), constituído por subeventos (merônimos, em relação ao evento principal). O *corpus* utilizado foi obtido no banco de dados textuais da língua Apurinã, no programa FLEx (*Fieldwork Language Explorer*), disponibilizado em meio digital por Facundes, autor da gramática da língua Apurinã. Os dados revelaram que são mais frequentes os merônimos denotando a relação atividade/traço, conforme classificação de Winston, Chaffin e Herrmann (1987).

Palavras-chave: textos procedurais, meronímia, Apurinã.

Considerações iniciais

Apurinã é uma língua indígena da família Aruák, falada, principalmente, no estado do Amazonas, ao longo de diversos afluentes do rio Purus. A língua encontra-se em risco de extinção, por conta do contato com os não indígenas, em que, estima-se, de acordo com Facundes (2000), apenas cerca de 10% ainda falam a língua. Há, ainda, vários outros trabalhos sobre a língua, dentre os quais se destaca o de Freitas (2017), que propôs, entre outras coisas, uma nova classificação para os nomes em Apurinã. Entretanto,

¹Doutora em Estudos Linguísticos (UFPA), linha de pesquisa: descrição e análise de línguas naturais. Professora do quadro efetivo da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do projeto de pesquisa “Merónímia em Apurinã: relações parte/todo e (in)alienabilidade em construções nominais”. E-mail: mfpf31@yahoo.com.br.

²Graduanda em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará. Bolsista de iniciação científica do projeto “Merónímia em Apurinã: relações parte/todo e (in)alienabilidade em construções nominais”. E-mail: ribeiromarlene026@gmail.com.

algumas questões ainda careciam de uma pesquisa mais detalhada, dentre estas, a maneira como as relações parte/todo são codificadas em Apurinã e como os merônimos ocorrem em textos. Nesse sentido, na presente pesquisa, objetivou-se, inicialmente, caracterizar morfossintática e semanticamente os merônimos em Apurinã para, em seguida, analisar sua ocorrência em textos procedurais da língua.

De modo geral, a meronímia pode ser definida enquanto um tipo de relação semântica que pressupõe a inclusão de uma “parte” em relação a seu “todo”, semanticamente expressando diferentes relações de inclusão, tais como a relação que uma “peça” estabelece com o objeto de que ela faz parte (como em garrafa/tampa), relações de parentesco (como em família/filho), ou mesmo a relação que um evento estabelece com um de seus subeventos constitutivos (jogar futebol/chutar a abola), entre outros.

O texto procedural, cujo objetivo é ensinar o “como fazer”, em linhas gerais, relata o passo a passo da realização de um dado evento, em que vários subeventos são elencados, enquanto partes constitutivas do evento principal. Tendo em vista essa característica de textos procedurais, parte-se do pressuposto de que, nesse tipo textual, faz-se propícia a ocorrência de merônimos denotando a relação atividade/traço (WINSTON, CHAFFIN e HERRMANN, 1987), conforme será detalhado mais adiante.

Para a consecução dos objetivos estabelecidos na presente pesquisa, quais sejam: i) caracterizar morfossintática e semanticamente os merônimos em Apurinã e ii) verificar sua ocorrência em textos procedurais da língua, inicialmente, discutir-se-á em que medida o fenômeno da meronímia (conforme apontam os autores Cruse, 2011; Winston, Chaffin e Herrmann, 1987; Klein, 2000), se relaciona com as noções de posse e (in)alienabilidade (STASSEN, 2009). Em um segundo momento, será feita a descrição morfossintática dos merônimos em Apurinã, com base em Facundes (2000) e Freitas (2017). Como parte principal deste artigo, será feita a análise dos merônimos encontrados em textos procedurais da língua Apurinã, buscando verificar os subtipos semânticos de merônimos mais frequentes nesse tipo textual.

1. Meronímia e sua relação com as noções de posse e (in)alienabilidade

A meronímia, ou partonímia, segundo Cruse (2011), é um fenômeno semântico que envolve relações de inclusão de uma “parte” com relação a seu “todo”, em que se dá o nome de *holônimo* para o todo e de *merônimo* para a parte, como nos pares sapato/sola;

acordar/abrir os olhos; queijo/fatia. Nesses exemplos, diferentes tipos de relações meronímicas são expressas: no caso de sapato/sola, verifica-se que a sola é uma parte do objeto sapato; no caso de acordar/abrir os olhos, o ato de “abrir os olhos” é uma parte constitutiva do evento maior “acordar”; e no caso de queijo/fatia, a “fatia” é percebida enquanto parte do “queijo” apenas depois de ser cortada.

Cruse (2011, p. 138-140) afirma que, prototipicamente (mas nem sempre), um merônimo:

- diz respeito a uma parte necessária ao bom funcionamento de seu todo (como em computador/processador);
- está bem integrado a seu todo (como no par celular/display);
- é um elemento individualizado, uma parte visível de seu todo (como no par mochila/alça);
- tem uma função clara, para o bom funcionamento de seu todo (por exemplo, a perna da mesa serve para sustentá-la);
- é um elemento menos genérico que seu todo, existe concomitantemente com seu todo e tem a mesma natureza de seu todo (como em quilômetro/metro, em que ambos são medidas de comprimento; e cadeira/encosto, em que ambos os termos se referem a objetos).

Adicionalmente, sobre o fenômeno semântico meronímia, Winston, Chaffin e Herrmann (1987, p. 419) distinguem seis subtipos semânticos:

- i) componente integral/ objeto: o que pode ser visto no par cordão/fecho, já que o fecho é uma parte do cordão;
- ii) coleção/ membro: como em floresta/árvore, já que a árvore é parte da floresta;
- iii) massa/ porção: o que se vê no par pão/pedaco, uma vez que um pedaco é uma parte retirada do pão;
- iv) material/objeto: por exemplo, aço/carro, já que boa parte do carro é feita de aço;
- v) atividade/ traço: que se refere a um evento maior em relação a seus subeventos constitutivos, como no par gritar/ abrir a boca, já que para efetuar a ação de gritar, é necessário abrir a boca;
- vi) lugar/área: como no exemplo Pará/Belém, já que a cidade de Belém faz parte do estado do Pará.

Como discutido acima, percebe-se que a meronímia pode expressar uma gama de significados distintos, mas todos denotando a relação parte/todo. Analisando mais detidamente os exemplos acima, há de se notar, ainda, uma outra relação implicada em casos de meronímia, uma vez que são construções semanticamente equivalentes aos exemplos acima: “fecho do cordão”, “árvore da floresta”, “pedaço do pão”, “Belém do Pará”, por exemplo, em que a categoria de posse é expressa. De acordo com Stassen (2009), a posse é uma categoria universal nas línguas do mundo e envolve a presença de dois participantes: um possuidor e um item possuído. Nos exemplos citados, o primeiro elemento corresponderia ao item possuído/merônimo, enquanto o segundo denotaria o possuidor/holônimo. Deste modo, parece clara a aproximação estabelecida entre as noções de posse e meronímia, uma vez que, em ambos os casos, se vê a participação de duas entidades, possuidor/holônimo e item possuído/merônimo, em que há uma relação “assimétrica”, já que, prototipicamente, o possuidor/holônimo tem “domínio” sobre o item possuído/merônimo.

Como desdobramento do fenômeno posse, faz-se necessário distinguir as noções de inalienabilidade e alienabilidade. Na primeira, de acordo com Stassen (2009), a relação de posse é, prototipicamente, inerente, indissociável. De modo geral, ocorre na expressão das partes do corpo, dos termos de parentesco, das relações parte-todo, entre outras. Em exemplos como “filha do Osvaldo”, o possuidor “Osvaldo” não pode abrir mão da relação de parentesco que estabelece com a sua filha; ao mesmo tempo, pode-se dizer que “filha” é um merônimo do holônimo “família”. Um outro exemplo pode ser visto em “perna dele”, uma vez que, normalmente³, não se pode abrir mão de uma parte do corpo; note-se que “perna” é um merônimo do holônimo “corpo”.

Sobre a posse alienável, esta denota relações não inerentes, não indissociáveis. Assim, a relação de posse, nesse caso, é opcional. Exemplos de posse alienável podem ser vistos em “colar da Carla”, “porta da casa”, “tapete do quarto”, em que o possuidor “Carla” pode dar seu “colar” para outra pessoa; a “casa” pode ter sua “porta” trocada; pode-se tirar o “tapete” do “quarto” e levar para o corredor. Note-se que, nos exemplos citados, o único que se configura enquanto um caso de meronímia é visto em “porta da casa”, em que o merônimo “porta” é uma parte do holônimo “casa”; o mesmo não pode

³Pode-se pensar em circunstâncias tais como as de um transplante de órgãos, em que seria possível abrir mão de uma parte do corpo, mas esta é uma circunstância excepcional.

ser dito com relação à “colar da Carla” ou “tapete do quarto”, já que o “colar” não faz parte de “Carla” e o “tapete” está no “quarto”, mas dele não faz parte.

Uma vez discutido o conceito de meronímia e suas relações com a noção de posse e (in)alienabilidade, cabe averiguar como esse fenômeno semântico pode ser codificado em línguas indígenas. Assim, recorreremos a Klein (2000), que investiga a codificação linguística da meronímia em 18 línguas indígenas da América do Sul, faladas na Argentina, Chile, Paraguai, Brasil, Colômbia, Venezuela e Peru.

A autora cita as diferentes estratégias utilizadas nas línguas pesquisadas para a codificação linguística de merônimos, quais sejam: uso de classificadores; o uso de certos verbos; uso da expressão “parte de”; presença de polissemia para expansão de significados; uso metafórico na expressão de relações parte/todo, além da codificação da posse, esta última sendo a mais relevante para a compreensão do que ocorre em Apurinã, em se tratando do fenômeno meronímia, estratégia esta que será focalizada aqui.

Klein (2000) afirma que:

Provavelmente, o mecanismo mais frequentemente utilizado para marcar a distinção [*meronímia*] [...] é por meio de construções possessivas. De fato, de acordo com Wierzbicka (1996, p.61), o conceito de ‘parte’ subjaz as construções possessivas, o que significa que a ‘posse’ é um conceito gramatical que não tem conteúdo semântico constante⁴ (KLEIN, 2000, p.84, *tradução nossa*).

Nesse sentido, a autora cita o exemplo da língua Toba (família Guaicurú), em que os merônimos são codificados por meio de construções de posse, por justaposição de um possuidor/holdnimo, seguido do item possuído/merônimo, conforme exemplo abaixo:

(1) pike lamo
 braço tronco
 ‘parte superior do braço’

Dentre as dezoito línguas pesquisadas pela autora, naquelas que codificam os merônimos por meio de construções de posse, assim como no exemplo acima da língua Toba, o possuidor é traduzido como equivalente ao todo e o item possuído como

⁴ Probably the most often utilized mechanism for making the distinction, however, is through possessive constructions. In fact, according to Wierzbicka (1996:61), the concept of ‘part’ underlies possessive constructions, which means that ‘possession’ is a grammatical concept which has no constant semantic content.

equivalente à parte. Klein (2000) afirma que em algumas dessas línguas o possuidor/holônimo precede o item possuído/merônimo, mas em outras ocorre o inverso.

A autora também destaca a forte relação estabelecida entre as noções de meronímia e (in)alienabilidade em algumas das línguas pesquisadas. Convergindo para o que propõe Stassen (2009), Klein afirma que, do ponto de vista semântico, os nomes prototipicamente alienáveis não são obrigatoriamente possuídos; já os inalienáveis têm a posse como categoria obrigatória, em termos prototípicos. Klein (2000) afirma que as partes do corpo humano, que correspondem a merônimos, com frequência são codificadas como nomes inalienáveis; em se tratando de nomes alienáveis, em alguns casos estes expressam relações parte/todo não inerentes. A autora fornece o exemplo da língua Mataco (família Mataguaió), em que a expressão de partes de um todo vem sob a forma de construções de posse inalienável (HUNT, 1940 apud KLEIN, 2000, p. 89):

(2) pa cho
 pé fundo
 ‘sola do pé’

Em Apurinã⁵ ocorre exatamente como descrito por Klein (2000), acima, já que a maioria dos merônimos de natureza nominal recebe os padrões de marcação morfológica de nomes inalienáveis (exemplo 3), enquanto alguns merônimos vêm expressos sob a forma de nomes alienáveis:

(3) a. ny-tapike 1SG ⁶ -perna.de ⁷ ‘minha perna’	b. tapike-txi perna.de-NPOSSD ‘perna (não se sabe de quem)’
(4) a. ny-txipary-te 1SG-banana-POSSD ‘minha banana’	b. txipary banana ‘banana’

A língua Apurinã diferencia nomes inalienáveis de alienáveis em termos de diferentes padrões de marcação morfológica. Assim, em (3) temos um nome inalienável,

⁵Chave para a ortografia da língua Apurinã: y = [j]; ts = [ts]; x [ʃ]; tx = [tʃ]; th = [c], as demais letras seguem o mesmo padrão do português.

⁶Abreviaturas usadas neste artigo: 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; 3 = 3ª pessoa; SG = singular; PL = plural; POSSD = possuído; N.POSSD = não possuído; F = feminino; M = masculino; O = objeto; VBLZ = verbalizador; NC = nome classificatório; PRED = predicado; PFTV = aspecto perfectivo.

⁷Nomes inalienáveis em Apurinã são glosados desta maneira, com “de”, pelo fato de a posse fazer parte da entrada lexical de tais nomes.

o merônimo “perna”, que não apresenta nenhuma marca morfológica quando possuído, mas que pode ocorrer em sua forma não possuída pelo acréscimo do sufixo *-txi*, que “suspende” o *status* de obrigatoriamente possuídos de um subconjunto de nomes inalienáveis. Por outro lado, em (4) temos *txipary* ‘banana’ (merônimo com relação ao holônimo *txiparyna* ‘bananeira’), que corresponde a um nome alienável, marcado por um sufixo, quando possuído. Os diferentes padrões de marcação de nomes inalienáveis e alienáveis em Apurinã serão detalhados na próxima seção.

2. Características morfossintáticas dos merônimos na língua Apurinã

Em Apurinã, os merônimos constituem uma classe semântica tipicamente associada a nomes, mas, como trataremos mais adiante, relações meronímicas também podem ser expressas em formas verbais (no caso de merônimos envolvendo relações atividade/traço). Quando nominais, os merônimos na língua seguem um padrão de marcação específico. De acordo com Facundes (2000), nomes na língua são definidos em termos de suas características morfossintáticas, sendo marcados por gênero (masculino e feminino), número (singular e plural), se articulam com os pronomes (livres e presos), além de receberem marcação de posse (in)alienável (exceto os nomes não possuíveis).

Sobre a categoria de gênero, nomes em Apurinã podem ser marcados pelos sufixos *-ry* e *-ru*, referentes aos gêneros masculino e feminino, respectivamente, como no merônimo *kumy-ry* ‘mandioca’ (referente ao holônimo *kumyrykaty* ‘pé de mandioca’), marcado pelo sufixo masculino *-ry*, ou em *xũku-ru* ‘tucumã’, merônimo do holônimo *xũkuruna* ‘tucumanzeiro’. Há também nomes sem marcação morfológica de gênero, em que tal categoria é lexicalmente determinada.

Sobre a marcação de número, Apurinã conta com o sufixo de plural *-waku*, seguido das marcas de gênero, *-ry* e *-ru*, que se liga a referentes humanos/animados, como em *n-nyru-waku-ru* (1pl-mãe.ou.tia⁸.de-pl-f) ‘minhas tias’ e *nh-ithary-waku-ry* (1sg-irmão.ou.primo⁹.de) ‘meus irmãos, meus primos, ambos merônimos do holônimo *ny-nyrymany* (1sg-parente.de) ‘meu parente, minha família’; há também o sufixo *-ny* (igualmente seguido pelas marcas de gênero), para referentes humanos ou não humanos,

⁸Somente para o caso de tia paterna.

⁹Somente para o caso de primo paterno.

como em *aiku*¹⁰-*ny-ry* ‘casas (como eram antigamente)’, merônimo do holônimo *awapukutxi* ‘comunidade, aldeia’.

Quanto à articulação de nomes com os pronomes, há na língua uma série de pronomes livres (*nuta* ‘eu’, *pithe* ‘você’, *ywa* ‘ele’, *uwa* ‘ela’, *atha* ‘nós’, *hỹthe* ‘vocês’, *ynawa/nynawa/ynuwa/nynuwa*¹¹ ‘eles ou elas’), além de uma série de formas proclíticas pronominais¹² (*ny-* ‘eu’, *py-* ‘você’, *y-* ‘ele’, *u-* ‘ela’, *a-* ‘nós’, *hỹ-* ‘vocês’, *y-....-na* ‘eles’, *u-....-na* ‘elas’). Tanto os pronomes livres quanto os proclíticos podem se antepor a nomes, formando construções de posse nominal, em que tais pronomes codificam o possuidor¹³ da relação de posse. Tais construções de posse nominal podem ser marcadas como alienáveis ou inalienáveis, conforme os padrões de marcação a serem descritos nos próximos parágrafos.

Em se tratando de (in)alienabilidade em Apurinã, após várias propostas de classificação (FACUNDES, 1994, 1995 e 2000; BRANDÃO, 2006; FACUNDES e FREITAS, 2013), Freitas (2017) propôs uma nova classificação para os nomes, quanto a seus padrões de marcação de posse e sua frequência de ocorrência em textos, em que constam três grandes grupos: nomes não possuíveis (aos quais a noção de posse não se aplica e, portanto, não ocorrem em construção de posse); nomes inalienáveis; e nomes alienáveis.

Os nomes inalienáveis são definidos por Freitas (2017) como aqueles cuja posse é inerente, que não são marcados em construções de posse e que ocorrem mais frequentemente possuídos em textos. Há dois subconjuntos de nomes inalienáveis: a) aqueles cuja posse pode ser “suspensa” pelo acréscimo do sufixo de não posse *-txi*, semanticamente se referindo a partes do corpo, conceitos relacionados ao corpo, pertencentes individuais e certos nomes abstratos (exemplo 5); e b) aqueles que não podem ocorrer sem um possuidor, semanticamente restringindo-se a termos de parentesco (exemplo 6). É importante ressaltar que a maioria dos merônimos (nominais) na língua recebe marcação de posse inalienável.

¹⁰Atualmente, usa-se a forma *awinhitxi* para se referir às casas atuais.

¹¹Há variação dialetal na terceira pessoa do plural em Apurinã, em que as quatro formas são possíveis na língua.

¹²Que apresentam alomorfes fonologicamente condicionados (cf.: FACUNDES, 2000).

¹³Construções de posse nominal também se dão por justaposição de um nome possuidor e um nome possuído, nesta ordem.

- (5) a. ny-kywy
1SG-cabeça.de
'minha cabeça'
- b. kywĩ¹⁴-txi
cabeça.de-NPOSSD
'cabeça (não se sabe de quem)'
- (6) a. n-atukyry *mas não*
1SG-avô.de
'meu avô'
- b. *atukyry-txi
avô.de-NPOSSD
(avô, não se sabe de quem)

Em (5) e (6) temos, respectivamente, um merônimo relativo à parte do corpo, *kywĩtxi* 'cabeça', e um merônimo designando um termo de parentesco, *natukyry* 'meu avô', os quais se comportam morfologicamente de maneiras distintas, por pertencerem a subgrupos de nomes inalienáveis diferentes.

Com relação aos nomes alienáveis, estes são definidos por Freitas (2017) como aqueles nomes que têm a posse enquanto uma categoria opcional, que são marcados pelos sufixos *-re₁*¹⁵, *-te*, *-ne*, *-re₂* quando possuídos e que ocorrem mais frequentemente não possuídos em textos. Também entre os alienáveis há uma subdivisão, em que constam dois subgrupos: a) alienáveis que recebem os sufixos *re₁*, *-te* e *-ne* na forma possuída; e b) inalienáveis que recebem o sufixo *-re₂* na forma possuída e o sufixo *-ry* na forma não possuída. A escolha entre um ou outro desses sufixos é lexicalmente condicionada. Vejam-se o exemplo abaixo:

- (7) a. n-ãa-txapata-re
1sg-NC.árvore.de-forquilha-possd
'minha forquilha (de árvore)'
- b. ãa-txapata
NC.árvore.de-forquilha
'forquilha (de árvore)'

No exemplo (7), *ãatxapata*, originalmente, é um nome inalienável em que consta a forma classificatória¹⁶ genérica *ãa-*, referindo-se ao conceito 'árvore'. Essa ocorrência é possível em um contexto pragmático tal que alguém retire uma forquilha (galho com forma bifurcada) de um galho de árvore para seu próprio uso. Nesse sentido, verifica-se que *ãatxapata* 'forquilha' é um merônimo com relação ao holônimo *ãa-* 'relativo à árvore', mas não se pode dizer que a primeira pessoa do singular 'meu', embora

¹⁴O sufixo *-txi*, em alguns casos, provoca uma alomorfa na última vogal de nomes a que se atrela, alomorfa esta lexicalmente condicionada.

¹⁵Os números subscritos em *-re₁* e *-re₂* decorrem do fato de que, embora sincronicamente tais sufixos apresentem a mesma forma, diacronicamente têm origens diferentes, conforme reconstrução feita por Payne (1991).

¹⁶ Em Apurinã, os classificatórios correspondem a nomes presos recorrentes, inalienáveis, usados na formação de nomes compostos, com funções classificatórias (atribuindo aos nomes a que se atrelam propriedades de forma, consistência e textura) e que podem apresentar significados metafóricos.

seja o possuidor da construção *nãatxapatare* ‘minha forquilha’, seja holônimo de *ãatxapata*, já que a forquilha faz parte da árvore, mas não faz parte desse “eu”. Caso parecido se vê no exemplo a seguir:

- | | |
|--------------------|-----------|
| (8) a. n-ãamyna-te | b. ãamyna |
| 1SG-árvore-POSSD | árvore |
| ‘minha árvore’ | ‘árvore’ |

Em (8), o merônimo/item possuído *ãamyna* ‘árvore’ tem como possuidor o pronome de primeira pessoa do singular; este último, obviamente, não corresponde ao holônimo que se relaciona com o conceito “árvore” que, em Apurinã, corresponde ao vocábulo *ĩthupa* ‘mata, floresta’. Neste ponto, verifica-se que nem sempre há correspondência entre os papéis semânticos holônimo/possuidor, nem mesmo entre os papéis merônimo/item possuído (uma vez que nem toda construção de posse expressa a relação semântica meronímia). É importante ressaltar que esse tipo de ocorrência em (8) é possível apenas em contextos pragmáticos muito específicos (por exemplo, alguém que planta uma árvore em sua terra).

Observem-se os exemplos abaixo, com outros sufixos de marcação de posse alienável:

- | | |
|--------------------|------------|
| (9) a. ny-maky-ne | b. maky |
| 1SG-castanha-possd | castanha |
| ‘minha castanha’ | ‘castanha’ |
-
- | | |
|------------------------|---------------|
| (10) a. nhi-txipuku-re | b. txipuku-ry |
| 1SG-fruta-possd | fruta-NPOSSD |
| ‘minha fruta’ | ‘fruta’ |

Em (9), temos *maky* ‘castanha’ ocorrendo com o sufixo de posse alienável *-ne*, merônimo do holônimo *makymyna* ‘castanheira’. No exemplo (10), observa-se o vocábulo *txipukury* ‘fruta’, merônimo de “árvore”, que, quando na forma possuída, recebe o sufixo *-re₂*, enquanto na forma não possuída recebe o sufixo *-ry*, pertencendo, portanto, ao segundo subgrupo de nomes alienáveis, aqueles que são marcados tanto na forma possuída quanto na forma não possuída.

Relações meronímicas em Apurinã também podem ser expressas pela justaposição de nomes, conforme previsto por Klein (2000). Exemplos desse tipo de ocorrência seguem abaixo:

- (11) *ãata* *ukyyna*

canoa proa
'proa da canoa'

(12) ãata pukyã
canoa atrás, popa
'popa da canoa'

Em (11-12), o holônimo *ãata* 'canoa' vem anteposto aos merônimos *ukyyna* e *pukyyã*, respectivamente, tal como algumas das línguas estudadas por Klein (2000).

É preciso reiterar aqui que a maioria dos merônimos em Apurinã é codificada como nome inalienável, sendo poucos os exemplos desse tipo de relação semântica entre os nomes alienáveis. Também cabe enfatizar que a descrição de Klein (2000), em boa medida, se aplica ao caso da língua Apurinã, uma vez que as noções de (in)alienabilidade e posse são mecanismos decisivos para a compreensão da codificação linguística da meronímia em Apurinã, tal como visto em algumas das línguas investigadas pela referida autora.

A relação semântica meronímia também pode ser expressa por constituintes verbais. Em Apurinã, segundo Facundes (2000), é no verbo que reside a maior complexidade morfológica da língua, já que essa classe de palavras pode receber prefixos e sufixos, pode se articular às formas pronominais proclíticas e enclíticas, pode incorporar nomes, subdividindo-se em diversas classes, estas últimas com comportamentos morfossintáticos distintos. Aqui, não será detalhada a morfologia verbal Apurinã (o que demandaria algumas dezenas de páginas de descrição), apenas serão apresentados exemplos de merônimos na língua de natureza verbal, os quais, segundo Winston, Chaffin e Herrmann (1987), codificam a relação meronímica atividade/traço, ou seja, correspondem a subeventos de um evento maior, como nos exemplos abaixo, todos correspondendo a merônimos relativos ao evento "fazer farinha":

(13) makatxa-ka
tirar-PRED
'tirar'

(14) aminhãka-pe-ta
carregar-NC.massa.de-VBLZ
'carregar a massa'

(15) puuma-ta-pe-ka
ser.quente-VBLZ-PFTV-PRED
'esquentar'

Nos textos procedurais que compõem o *corpus* da presente pesquisa este foi o tipo de relação meronímica mais frequentemente encontrado, o que será detalhado na próxima seção.

3. Ocorrência de merônimos em textos procedurais da língua Apurinã

Nesta seção, inicialmente, retomaremos a classificação de Winston, Chaffin e Herrmann (1987), em se tratando dos seis subtipos semânticos de merônimos que tais autores propõem, apresentando exemplos de cada um deles em Apurinã, conforme lista abaixo:

- a) merônimos denotando a relação componente integral/objeto:
ãata ‘canoa tradicional’/ *ãata ukynna* ‘proa da canoa’
ãata ‘canoa tradicional’/ *ãata pukyã* ‘popa da canoa’
xamynaky ‘espingarda’/ *paraky* ‘cartucho’
- b) merônimos se referindo à relação coleção/membro:
ĩthupa ‘mata, floresta’/ *ãamyna* ‘árvore’
nyry ‘meu pai’/ *nyrymany* ‘meu parente’
- c) merônimos se referindo à relação massa/porção:
kumyry ‘mandioca’/ *kumyrype* ‘massa da mandioca’
anana ‘abacaxi’/ *ananapẽ* ‘sumo de abacaxi’
anhiukype ‘nuvem de pernilongos’/ *anhiu* ‘pernilongo’
- d) merônimos designando a relação material/objeto:
yxuryny ‘arumã, tipo de tala’/ *kutary* ‘cesta’
kypatxi ‘barro, areia’/ *kupiti* ‘panela de barro’
kyparyã ‘mingau de batata doce’/ *kypary* ‘batata doce’.
- e) merônimos se referindo à relação atividade/traço:
aiata ‘caçar’/ *etĩĩkynyta* ‘procurar rastro’
awiri kaminhi ‘fazer rapé’/ *kamuruka* ‘amassar, esmigalhar’
- f) merônimos denotando a relação lugar/área:
Tapauá ‘Tapauá (município do Amazonas)’/ *Itixi Mithary* ‘Terra Grande’ (terra indígena localizada em Tapauá).

Um dado interessante está em *anhiukype* ‘nuvem de pernilongos’, codificado da mesma forma que *katarukyrype* ‘massa de mandioca’, ambos classificados como merônimos do subtipo massa/porção. No caso de *katarukyrype*, compreende-se que esta corresponde a uma porção de mandioca ralada; em *anhiupe*, o falante de Apurinã codifica

linguisticamente a nuvem de pernilongos do mesmo modo que a massa de mandioca, revelando sua percepção da nuvem de gafanhotos enquanto uma massa homogênea.

Outro caso a se destacar está em *kyparyã* ‘mingau de batata doce’, alimento cujo ingrediente principal é a batata doce, mas corresponde a uma mistura, algo elaborado com mais alguns outros ingredientes, sendo tal exemplo classificado como um merônimo do subtipo material/objeto, uma vez que o mingau é feito da matéria prima batata doce, mas leva outros ingredientes e passa pelo processo de cozimento. Tal caso é diferente de *kumyrype* ‘massa de mandioca’, que corresponde à mandioca bruta ralada, antes de passar por qualquer processo de torragem (para fazer a farinha), por isso, classificado como merônimo do subtipo porção/massa, pois trata-se de um pouco de mandioca (ralada).

Considerando-se os subtipos semânticos de merônimos elencados acima, a presente pesquisa voltou-se para a seleção, análise e classificação de ocorrências da relação semântica meronímia em textos procedurais da língua Apurinã, buscando responder à seguinte pergunta: que tipos de merônimos são mais frequentes em textos procedurais da língua? Partiu-se do pressuposto de que o tipo de texto procedural é um campo propício para a ocorrência de merônimos, uma vez que tais textos explicam o “como fazer” e, nesse caso, giram em torno de um evento, constituído por subeventos, que correspondem a partes do evento principal, em que são mencionados certos materiais e utensílios, os quais, em certos casos, podem ser merônimos.

Para tanto, foram selecionados, como *corpus* desta pesquisa, todos os textos procedurais encontrados no banco de dados digital da língua, disponibilizado pelo professor pesquisador Sidney Facundes que, juntamente com sua equipe, elaborou um banco de dados digital da língua Apurinã no programa FLE^x¹⁷ (*Fieldwork Language Explorer*), em que constam diversos textos e itens lexicais. Foram encontrados apenas três textos procedurais no banco de dados. O primeiro deles, intitulado *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi* ‘É assim que nós fazemos rapé’, trata do processo de produção do rapé (mistura que inclui tabaco, para ser inalada). O segundo texto procedural encontrado, sob o título *Katarukyry* ‘farinha’, fala sobre o processo de fabricação da farinha, desde o

¹⁷ O FLE^x é um programa desenvolvido pelo *Summer Institute of Linguistics* (SIL) que “consists of software tools that help you manage linguistic and cultural data. FieldWorks supports tasks ranging from the initial entry of collected data through to the preparation of data for publication, including dictionary development, interlinearization of texts, morphological analysis, and other publications.” (fonte: <https://software.sil.org/fieldworks/>).

plantio até o produto final. Quanto ao terceiro texto, intitulado *Kimi nyupetaky* ‘Eu piló a semente do milho’, este se volta para o processo de pilar o grão de milho.

Nos quadros a seguir, serão listados os merônimos encontrados em cada um dos textos analisados:

Quadro 1: Merônimos encontrados no texto *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi* ‘É assim que nós fazemos rapé’.

Merônimos	Holônimos	Classificação morfossintática	Classificação subtipo semântico
¹⁸ äake ‘galho dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente integral/objeto
ytanapy ‘caule dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente integral/objeto
ymata ‘pele dele’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome inalienável	componente integral/objeto
äapytsa ‘cipó dele’	petsukamyty ‘tipo de planta que tem cipó’	nome inalienável	componente integral/objeto
ukutäta ‘casca de uku (tipo de árvore)’	uku ‘uku (tipo de árvore)’	nome inalienável	componente integral/objeto
makiĩ ‘ourico da castanha’	makymyna ‘castanheira’	nome alienável	componente integral/objeto
awiri ‘rapé (pó para inalar)’	awiri ‘tabaco (a planta)’	nome alienável	material/objeto
pytety ‘caco de barro’	kypatxi ‘barro, areia’	nome alienável	material/objeto
makatxaka ‘tirar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
txari ‘secar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
taka ‘colocar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
txiräketa ‘partir galho ao meio’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
synäkaka ‘secar bem’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
kemita ‘queimar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço
kamuruka ‘amassar, esmigalhar’	awiri kaminhi ‘fazer rapé’	Verbo	atividade/traço

Fonte: Elaboração própria.

No texto *Ikaratukura itxa awiri atha kaminhi* ‘É assim que nós fazemos rapé’, foram encontrados quinze casos de meronímia, sete deles de natureza verbal, designando a relação atividade/traço (como em *awiri kaminhi* ‘fazer rapé’/ *kemita* ‘queimar’). Dentre os oito merônimos de natureza nominal constam três nomes alienáveis, um denotando a relação componente integral/objeto (*makymyna* ‘castanheira’/ *makiĩ* ‘ourico da castanha’)

¹⁸Em Apurinã, a 3ª pessoa do singular masculino tem como um de seus alomorfes o morfema \emptyset -, em que /y-/ passa a / \emptyset -/ quando diante de vogal.

e dois denotando a relação material/objeto (como em *kypatxi* ‘barro, areia’/ *pytety* ‘caco de barro’); além de cinco nomes inalienáveis, todos denotando a relação componente integral/objeto (como em *awiri* ‘tabaco (a planta)’/ *ãake* ‘galho dele’). Assim, a relação meronímica mais frequente no texto em questão corresponde ao subtipo atividade/traço (com sete ocorrências), seguida da relação componente integral/objeto (com seis ocorrências) e da relação material/objeto (com duas ocorrências).

A seguir, no Quadro 2, apresenta-se a lista de merônimos encontrados no segundo texto procedural que compôs o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 2: Merônimos encontrados no texto *Katarukyry* ‘Farinha’.

Merônimos	Holônimos	Classificação morfosintática	Classificação subtipo semântico
kumyrype ‘massa de mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	massa/porção
kumyry iia ‘sumo da mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	massa/porção
nakanhixi ‘goma de mandioca’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	massa/porção
ananapê ‘vinho de abacaxi’	anana ‘abacaxi’	nome alienável	material/objeto
ieierupê ‘vinho de ieieru (tipo de tubérculo)’	anana ‘abacaxi’	nome alienável	material/objeto
mutupê ‘vinho de cará (tipo de tubérculo)’	mutu ‘cará (tipo de tubérculo)’	nome alienável	material/objeto
kumiiãry ¹⁹ ‘mingau de macaxeira’	kumiiãry ~ iumiãry ‘macaxeira’	nome alienável	material/objeto
txiparyã ‘mingau de banana’	txipary ‘banana’	nome alienável	material/objeto
kyparyã ‘mingau de batata doce’	kypary ‘batata doce’	nome alienável	material/objeto
aryãryãte ‘mingau’	iumiãry ‘macaxeira’	nome alienável	material/objeto
putxuwamata ‘beiju achatado’	kumyry ‘mandioca’	nome inalienável	material/objeto
kumyrypuruĩ ‘beiju redondo’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	material/objeto
katarukyry ‘farinha’	kumyry ‘mandioca’	nome alienável	material/objeto
manupi ‘tipiti’	yxuryny ‘arumã, tipo de tala’	nome alienável	material/objeto
kutary ‘cesta, panela’	yxuryny ‘arumã, tipo de tala’	nome alienável	material/objeto
takatary ‘alguidar, pote de barro’	kypatxi ‘barro, areia’	nome alienável	material/objeto
ãakyru ‘nossa avó’	anyrymanywakury ‘nossos parentes’	nome inalienável	coleção/membro
tukary ‘derrubar (o roçado)’	katarukyry kaminhi ‘fazer farinha’	Verbo	atividade/traço

¹⁹Em algumas comunidades, usa-se a forma *iumiãry*, como variação de *kumiiãry* ‘macaxeira’.

ũipataĩkata 'brocar bem, capinar (o solo)'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
iutikaxitikata 'queimar bem o solo'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
taka 'plantar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
pitxeka 'nascer, grelar (a mandioca)'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
eneĩkata 'amadurecer (a mandioca)'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
mapuruka 'arrancar (a mandioca)'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
ymãatakaĩta 'colocar na água'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
makatxaka 'tirar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
aminhãkapeta 'carregar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
katsunaka 'espremer'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
ysunãkapetaka 'secar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
ukapeta 'jogar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
Puumatapeka 'esquentar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
ukapeta 'jogar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
kakirĩkakypeta 'torrar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
iataruãkata 'mexer'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
taãkata 'guardar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
tykanaka 'carregar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
esukakata 'ralar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
kixẽĩkata 'raspar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
erukaĩkata 'lavar'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
mapikapekata 'tirar a massa'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço
paiaka 'amolecer'	katarukyry kaminhi 'fazer farinha'	Verbo	atividade/traço

Fonte: Elaboração própria.

No texto *Katarukyry 'Farinha'*, o mais longo entre os três textos utilizados como *corpus* da pesquisa, foram atestadas quarenta e uma ocorrências de merônimos, vinte e quatro delas designando a relação atividade/traço, portanto, de natureza verbal, como no

par *katarukyry kaminhi* ‘fazer farinha’/ *esukakata* ‘ralar’, em que esta última forma é um subevento que compõe o evento principal “fazer farinha”. Foram atestados dezessete merônimos de natureza nominal, dentre os quais quatro são codificados como nomes inalienáveis (um denotando a relação material/objeto; um se referindo à relação coleção/membro; dois referentes à relação massa/porção) e treze como nomes alienáveis (um se referindo à relação massa/porção; doze se referindo à relação material/objeto). Há de se chamar atenção para o fato de que, dentre essas 13 ocorrências de nomes alienáveis, 10 delas correspondem a compostos que incorporam nomes inalienáveis classificatórios, estes últimos definidos por Facundes (2000) como nomes presos, obrigatoriamente possuídos, que se ligam a, pelo menos, uma raiz, formando compostos, os quais atribuem propriedades de forma, textura e consistência aos elementos a que se ligam.

Assim, o merônimo *txipary-ã* (banana-nc.líquido.de) ‘mingau de banana’ é formado pelo lexema *txipary* ‘banana’, mais o nome classificatório *-ã* ‘aquilo que é líquido’; também em bases verbais podem ocorrer nomes classificatórios, por exemplo, em *uka-pe-ta* (jogar-nc.massa.de-vblz) ‘jogar a massa’, em que se tem a base verbal *uka* ‘jogar’, à qual se liga o nome classificatório *-pe* ‘aquilo que tem textura de massa’ mais o verbalizador *-ta*.

Nesse segundo texto, a ocorrência de merônimos verbais denotando a relação atividade/traço se mostrou muito mais evidente, com relação ao texto anterior. Como dito anteriormente, foram atestadas 24 ocorrências desse tipo de merônimo, contra 17 ocorrências de merônimos de natureza nominal, denotando as relações material/objeto, coleção/membro e massa/porção.

A seguir, no Quadro 3, serão apresentados os merônimos encontrados no último texto analisado.

Quadro 3: Merônimos encontrados no texto *Kimi nyupetaky* ‘Eu pilo o milho’.

Merônimos	Holônimos	Classificação morfosintática	Classificação subtipo semântico
kimi ‘milho’	kimimyna ‘pé de milho’	nome alienável	componente integral/objeto
ytsupa ‘folha dele’	tabaco (empréstimo do português)	nome alienável	componente integral/objeto
upetaky ‘pilar’	kimi upetakinhi ‘pilar o milho’	Verbo	atividade/traço
mapuruka ‘arrancar’	kimi upetakinhi ‘pilar o milho’	Verbo	atividade/traço

Fonte: Elaboração própria.

No texto *Kimi nyupetaky* ‘Eu pilo o milho’, texto de menor extensão que os outros, apenas quatro casos de meronímia foram atestados, dois deles de natureza verbal, designando a relação atividade/traço, como no par *kimi upetakinhi* ‘pilar o milho’/ *mapuruka* ‘arrancar’, e dois de natureza nominal e alienáveis, denotando a relação componente integral/objeto, como em *kimimyna* ‘pé de milho’/ *kimi* ‘milho’.

A tabela abaixo contabiliza o total das ocorrências de merônimos nos três textos, em relação a suas naturezas morfossintáticas e seus subtipos semânticos.

Tabela 1 - Total de merônimos, suas características morfossintáticas e subtipos semânticos.

Natureza morfossintática	Merônimos nominais	Merônimos verbais
Subtipo Semântico		
Comp. integral/ Objeto	6	0
Coleção/ Membro	1	0
Massa/ Porção	3	0
Material/ Objeto	15	0
Atividade/ Traço	0	33
Lugar/ Área	0	0
TOTAL	25	33

Fonte: elaboração própria.

A tabela acima mostra que, do ponto de vista morfossintático, há, no *corpus* da pesquisa, mais casos de merônimos de natureza verbal (33 casos) do que aqueles de natureza nominal (25 casos), em decorrência de ser mais frequente, nos textos analisados, o subtipo semântico de merônimo que denota a relação atividade/traço, relação esta codificada por verbos na língua (33 ocorrências), seguido do subtipo material/objeto (15 ocorrências). Foram atestadas seis ocorrências da relação meronímica componente integral/objeto, três ocorrências da relação massa/porção e apenas uma ocorrência da relação coleção/membro. Não foi atestada qualquer ocorrência do subtipo lugar/área,

provavelmente por conta do teor dos três textos procedurais analisados, que trazem temas específicos (fazer rapé, fazer farinha e pilar o milho) em que não parece ser relevante esse tipo de informação relativa à localização.

Assim, confirmou-se a hipótese inicial desta pesquisa, segundo a qual os textos procedurais seriam um campo propício para a ocorrência de merônimos relativos aos subeventos de um evento principal, uma vez que o subtipo semântico de meronímia mais frequentemente encontrado nos textos procedurais analisados foi aquele que expressa a relação atividade/traço.

Considerações Finais

Na presente pesquisa, inicialmente, foi apresentada a definição do termo meronímia, sua relação com os conceitos de posse e (in)alienabilidade, oferecendo-se uma amostra de como esse fenômeno pode ser codificado em algumas línguas indígenas. Em seguida, foi focalizada a codificação linguística de merônimos na língua Apurinã, os quais vêm sob a forma de elementos de natureza nominal ou verbal.

Como foco deste artigo, apresentou-se a análise relativa à ocorrência de merônimos em três textos procedurais da língua Apurinã, partindo-se da hipótese de que seriam mais frequentes as relações meronímicas que expressassem a relação atividade/traço, conforme classificação proposta por Winston, Chaffin e Herrmann (1987), uma vez que o tipo de texto procedural trata de mostrar o passo a passo da realização de um determinado evento principal, constituídos por subeventos, estes últimos enquanto partes do evento principal.

A partir dos dados analisados, foram atestadas 33 ocorrências de merônimos denotando a relação atividade/traço, 15 se referindo à relação material/objeto, 6 ocorrências da relação componente integral/objeto, 3 da relação massa/porção e 1 única ocorrência da relação meronímica coleção/membro. Assim, conforme hipótese inicial, verificou-se que, de fato, nos textos que compuseram o *corpus* da pesquisa, a relação meronímica atividade/traço foi a mais frequente, dada a natureza dos textos procedurais, os quais propiciam esse tipo de relação semântica envolvendo subeventos que constituem partes de um evento principal.

Considerando que textos naturalmente produzidos na fala cotidiana sempre apresentam muito mais nomes que verbos, e o fato de meronímia ser um domínio

semântico prototipicamente associado a nomes, os resultados desta pesquisa contribuem para uma melhor compreensão do tipo textual procedural: os dados de Apurinã indicam que a presença de meronímia verbal pode ser uma importante característica de textos procedurais.

Esse tipo de pesquisa serve não apenas à descrição e análise da língua Apurinã ou como material para estudos tipológicos em línguas indígenas; acima disso, originalmente, corresponde a parte dos resultados de um projeto de pesquisa²⁰ voltado para a elaboração de materiais didáticos na língua Apurinã, a fim de oferecer instrumentos didáticos a serem usados nas escolas desse povo, como estratégia de fortalecimento de uma língua que corre risco de extinção.

Referências

BRANDÃO, A, P, B. **Dicionário de Fauna e Flora Apurinã**. 2006. Monografia (Graduação em Letras, Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

CRUSE, Alan. **Meaning in Language: an introduction to semantics and pragmatics**. Oxford Linguistics. New York, 2011.

FACUNDES, Sidney da Silva. **The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – University of New York, Buffalo, 2000.

_____. Possession and Unpossession in Apurinã (Maipuran). In: **LSA Parassession: Languages South of Rio Bravo**. Nova Orleans. Conference Proceedings of LSA Parassession: Languages South of Rio Bravo, 1995.

_____. **Noun Categorization in Apurinã (Maipuran)**. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Depart of linguistics of the University of Oregon, Eugene, Oregon, 1994.

FACUNDES, Sidney da Silva, FREITAS, Marília F. P. de. Posse Nominal em Apurinã (Aruák). In: **Anais do IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia** [recurso eletrônico], Belém: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA, 2013, pp. 705-715.

FREITAS, Marília Fernanda Pereira de. **A posse em Apurinã: descrição de construções atributiva e predicativa em comparação com outras línguas Aruák**. 2017. Tese (Doutorado

²⁰Projeto desenvolvido por dois professores e sete alunos de iniciação científica do curso de graduação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, sob o título “Meronímia em Apurinã: relações parte/todo, posse e (in)alienabilidade em construções nominais, no âmbito do qual já foi elaborado um material didático, atualmente em fase de diagramação.

em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

KLEIN, Harriet E. Manelis. Meronymy or Part-Whole Relations in Indigenous Languages of Lowland South America. In: VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (eds.). **Indigenous Languages of Lowland South America** [Indigenous Languages of Latin America, 1]. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), pp. 83-98, 2000. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.454.1425&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. **Handbook of Amazonian Languages**. [S.l.:s.n.]. 1991, p. 355-499. v. 3.

STASSEN, Leon. **Predicative Possession**. New York: Oxford University Press, 2009.
WINSTON, M.; CHAFFIN, R.; HERRMANN, D. A Taxonomy of Part-Whole Relations. In: **Cognitive Science** 11, 1987, pp. 417-444. Disponível em: <http://csjarchive.cogsci.rpi.edu/1987v11/i04/p0417p0444/MAIN.PDF>. Acesso em 17 set 2020.

MERONYMY IN EM PROCEDURAL TEXTS IN APURINÃ LANGUAGE

ABSTRACT

The occurrence of meronyms in procedural texts in the Apurinã language is analyzed, based on the assumption that this is a favorable field for the occurrence of meronyms, since the procedural type of text presupposes the existence of the main event, consisting of sub-events, the latter as constituent parts of the former. The corpus used was obtained from the textual database of the Apurinã language, in the FLEx program (Fieldwork Language Explorer), made available digitally by Facundes, author of the grammar of the Apurinã language. The data revealed that meronyms are more frequent denoting the activity/feature relationship, according to the classification proposed by Winston, Chaffin & Herrmann (1987).

Keywords: procedural texts, meronymy, Apurinã.

Recebido em 27/09/2021.

Aprovado em 05/11/2021.